

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC GO
CURSO DE MATEMÁTICA**

MATHEUS SILVA RODRIGUES

EDUCAÇÃO E SURDEZ: AS VOZES QUE NÃO SÃO OUVIDAS

Goiânia, dezembro de 2021

MATHEUS SILVA RODRIGUES

EDUCAÇÃO E SURDEZ: AS VOZES QUE NÃO SÃO OUVIDAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Matemática.

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Vanda Domingos Vieira

GOIÂNIA

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

MATHEUS SILVA RODRIGUES

EDUCAÇÃO E SURDEZ: AS VOZES QUE NÃO SÃO OUVIDAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Matemática, pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Vanda Domingos Vieira

Prof. Dr. Adelino Candido Pimenta

Prof.^a Ma. Dagmar Junqueira

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram comigo nesta jornada da minha vida.

A resposta para a vida, o Universo e tudo mais é 42.

- Douglas Adams

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	—	Base Curricular Comum
ENEM	—	Exame Nacional do Ensino Médio
FMU	—	Faculdade Metropolitanas Unidas
IBGE	—	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INES	—	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS	—	Língua Brasileira de Sinais
LDB	—	Lei de Diretrizes e Bases
OMS	—	Organização Mundial da Saúde

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Arte Surda.....	36
FIGURA 02: One Hand Alphabet.....	36
FIGURA 03: Monalisa.....	37
FIGURA 04: Bright Right 1.....	38
FIGURA 05: Bright Right 2.....	38

1. Sumário	
1.	INTRODUÇÃO 10
2.	HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 13
3.	MARCAS HISTÓRICAS 14
3.1.	Tamika Catchings – BASQUETE 15
3.2.	David Smith – VOLEIBOL..... 15
3.3.	Amanda Cameron – CICLISMO 15
4.	SURDOLIMPIADAS 15
5.	SITUAÇÃO HISTÓRICA DOS SURDOS NO BRASIL 16
6.	ENTREVISTAS COM EDUCADORES SURDOS 18
6.1.	ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANAHÊ..... 21
7.	REFERENCIAL TEÓRICO BIBLIOGRÁFICO..... 27
8.	ARTES LIGADAS À SURDEZ..... 34
8.1.	NANCY ROURKER..... 34
	Figura 01..... 35
	Figura 02:..... 36
	Figura 03:..... 37
8.2.	ROBERT F. WALKER 37
	Figura 04:..... 38
	Figura 05:..... 38
9.	CONSIDERAÇÕES 39
10.	BIBLIOGRAFIA 40

RESUMO

Atualmente, o volume de informações que temos sobre a educação e seus desafios é imenso, mas a quantidade desse material que é aproveitado para a aplicação na atualidade é insuficiente. Levando então à esta pesquisa que visa mostrar as visões e problemas relacionados a surdez e a deficiência auditiva. Com isso temos como base entrevistas, referenciais teóricos, dentre artigos e exposições de páginas da internet que auxiliam esses indivíduos, e nisso é feita uma análise do impacto dos campos ligados à alguns bancos de dados, tais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as Leis de Diretrizes e Bases (LDB) que retiramos informações da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e diversos autores muito influentes no ramo da educação como Carlos Rodrigues Brandão e Ronice Muller de Quadros. Há também o enunciado de um tópico sobre as inclusões e superações de pessoas nos esportes e seus grandes feitos que marcaram história e gravaram seu nome nas olimpíadas e surdolimpíadas, que também constam informações, tais como sua história, sua importância e alguns de seus aspectos que os diferenciam das olimpíadas regulares ou das paraolimpíadas. É discursado sobre a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), tais como sua história, seus desafios e suas conquistas que obteve com o passar da história e suas funcionalidades e seu impacto social em que causa a inclusão e o desconhecimento da segunda língua do Brasil, que por muitos é esquecida e tratada como algo que apenas pessoas surdas devem deter o conhecimento da mesma, e enquanto esse pensamento ainda persistir em nossa sociedade, a evolução é retardada e o avanço da sociedade é estagnado. Por isso ao decorrer deste documento é visto algumas conclusões, problemas, entrevistas e um pouco da história de tudo que foi e se tornou o mundo para os surdos.

Palavras-chave: LIBRAS, surdos, educação, inclusão

ABSTRACT

Currently, the amount of information we have about education and its challenges is immense, but the amount of this material that is used for application today leaves much to be desired. This leads to this research, which aims to show the visions and problems related to deafness and hearing impairment. With that we have as a basis interviews, theoretical references, among articles and exposures of internet pages that help these individuals, and in this an analysis is made of the impact of the fields linked to some databases, such as the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), the Laws of Directives and Bases (LDB) that we take information from the Common National Curriculum Base (BNCC) and several very influential authors in the field of education as Carlos Rodrigues Brandão and Ronice Muller de Quadros. There is also the statement of a topic about the inclusions and overcoming of people in sports and their great achievements that marked history and recorded their name in the Olympics and Deaflympics, which also contains information such as its history, its importance and some of its aspects that differentiate them from the regular Olympics or Paralympics. It is discussed about LIBRAS (Brazilian Sign Language), such as its history, its challenges and achievements that it has obtained over the course of history and its features and its social impact on which causes the inclusion and ignorance of the second language of Brazil, which by many is forgotten and treated as something that only deaf people should hold the knowledge of it, and while this thought still persists in our society, the evolution is delayed and the advancement of society is stagnant. So throughout this document is seen some conclusions, problems, interviews and a little history of everything that was and became the world for the deaf.

Key-words: LIBRAS, deaf, education, inclusion

1. INTRODUÇÃO

O tema surdez e educação são dois pontos que impactam bastante na sociedade, mas ao mesmo tempo são temas pouco abordados em conjunto, e isso nos motiva a questionar: O que está havendo de errado? Como podemos mudar isso?

A motivação que leva este trabalho é a observação do mundo atual e suas interações do surdo para com ele. E poder analisar esse questionamento de diversos ângulos, pois a necessidade de visibilidade é notável e a abrangência deste problema é de grande magnitude.

No decorrer do tempo pessoas que são portadoras de necessidades especiais foram vistas como estorvo ou como empecilho, tanto de modo geral na sociedade, como de modo mais específico no ramo da educação. E a inclusão desses mesmos acarretará uma sociedade com mais igualdade e democracia. Hoje, com toda a tecnologia e a visibilidade que temos, essas diferenças já não são algo que possa impedir de haver uma inclusão e um convívio ouvintes e surdos.

Segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgados em 2020, mais de 10 milhões de pessoas tem algum problema relacionado a surdez, ou seja, cerca de 5% da população brasileira, e entre elas 2,7 milhões de pessoas não ouvem nada. De acordo com uma estimativa da OMS (Organização Mundial da Saúde), de que 900 milhões de pessoas no mundo podem desenvolver algum problema de surdez até 2050.

A escola tem a responsabilidade de promover a inclusão. Para tanto, deve se adequar para receber alunos com deficiências, para assim, garantir o direito à igualdade presente na Constituição Federal (BRASIL, 1988). Existem leis específicas como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96 (BRASIL, 1996), o Decreto lei nº 5296/2004 (BRASIL, 2004). Como forma de se fazer cumprir a igualdade e garantir a inclusão de todos.

Neste breve contexto no qual se refere, podemos analisar que em termos de inclusão na educação, o Brasil conseguiu adaptar seu ensino um tanto quanto tarde em uma escala histórica, uma vez que a língua de sinais “mãe” que surgiu

na França, e que a pedido de Dom Pedro II, o conde Harnest Huet, que era surdo, veio ao Brasil com o intuito de abrir a primeira escola de surdos do país. Mas apenas entre os anos 80 e 2000 houve a legitimação e criação de leis que protegiam e garantiam esses direitos a língua. E com esse mesmo pensamento devemos procurar novos métodos e tecnologias para que possa trazer um ensino mais igualitário e democrático a todos.

Ao saber lidar com este tipo de deficiência, encontram-se barreiras sociais em que uma delas é a língua, nas quais se têm a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) que é o meio de comunicação na sociedade de deficientes auditivos. E o que devemos ter é a ciência do estado de acessibilidade que nos encontramos, tanto para quem precisa da língua quanto para quem oferece, ou seja, os estudantes não estão tendo a educação de LIBRAS necessária e os educadores não estão tendo o conhecimento e instrução necessária para que exerça a profissão.

Segundo a psicóloga (COSTA) (2017) houve uma pesquisa sobre o conhecimento dos professores com o aprendizado da língua de sinais, e a mesma se prontificou de capacitar tais profissionais para uma especialização melhor. Sendo a LIBRAS um caminho dentro da área da surdez, professores estão adquirindo conhecimento desta língua não só para simples comunicação mais também na criação de laços entre seus alunos, isto é, poder compreender e refletir os obstáculos enfrentados por aqueles que dependem desta língua e por aquele que não obtém o conhecimento dela, mas ainda sim necessita da comunicação com os demais.

Segundo a coordenadora do curso de Fonoaudiologia da Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) (2017), Prof.^a Erika Longone Borzani Gonçalves comenta que não é possível colocar todas as pessoas com deficiência auditiva na mesma categoria, isto é, segundo ela é preciso analisar os tipos de dificuldades enfrentadas por cada sujeito para que haja uma resposta condizente e com discernimento adequado para cada situação. Nesta mesma capacitação, é colocado os conhecimentos e ensinamentos por parte dela que vão além do ensinamento de LIBRAS, isto é, o seu enfoque, a forma de ter um acompanhamento mais próximo e outras partes importantes tais como leitura

labial e instrumentação de amplificação sonora tais como aparelhos auditivos, implante coclear e outros dispositivos.

O objetivo deste estudo é apresentar um pouco da educação para surdos, mostrando seus problemas, e abordando a deficiência de recursos que se instala nas escolas, mas também mostrando alguns exemplos de indivíduos que apesar de uma sociedade que não oferece o auxílio devido, puderam alcançar seus objetivos com maestria.

E não somente sobre a educação em si, mas de todo os seus componentes, assim como as artes, os esportes e a acessibilidade, pois tudo isso engloba um Universo que constituirá o dia a dia do surdo, tornando-o uma parte indistinta e homogênea da sociedade.

“A surdez é uma invenção. Não estou me referindo à surdez como materialidade inscrita em um corpo, mas a surdez como construção de um olhar sobre aquele que não ouve. Para além da materialidade do corpo, construímos culturalmente a surdez dentro de distintas narrativas associadas e produzidas no interior (mas não fechadas em si mesmas) de campos discursivos distintos clínicos, linguísticos, religiosos, educacionais, jurídicos, filosóficos etc.” (LOPES, 2007, p. 7)

Assim, construindo um legado que possa envolver em uma nova cultura ou mesmo um aprimoramento da cultura existente em que haja ainda um atraso científico e social da inclusão e discernimento do que é a surdez e todos seus graus. Sendo assim, o Brasil como um país bilíngue, tendo o português e a LIBRAS em seu repertório, vem-se o questionamento. *Por que o conhecimento da LIBRAS em meio as pessoas ouvintes não é algo tão comum como o aprendido de inglês?*

Neste trabalho que será dividido em 4 capítulos irá ser apresentado a história da LIBRAS e como ela foi inserida na nossa sociedade, contando seus marcos e conquistas históricas tanto no reconhecimento, quanto na inclusão nas escolas e até em esportes; em seguida um aparato sobre de como está a situação do Brasil em relação aos surdos, isto é, um contexto de como o

desenvolvimento da sociedade está agindo sobre este tema e o problema do não reconhecimento e inacessibilidade; também é analisada uma entrevista de diversos professores surdos e uma entrevista autoral; e por fim é mostrado o referencial teórico e toda sua relação com a educação, com a arte, e toda esse conteúdo será compilado em uma análise final de como a surdez é vista, assim formando um aparato da nossa questão, no qual o ensino da LIBRAS não é tão relevante quanto o de inglês.

2. HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

“No Brasil, uma língua nacional de sinais passou a ser difundida a partir do segundo império. O educador francês Harnest Huet era surdo e foi o introdutor dessa metodologia aqui no Brasil.” (LEÃO, 2004). Uma metodologia no qual foi adotada com o apoio do Imperador Dom Pedro II, na qual ele fundou uma instituição que tratava de crianças do sexo masculino, e um século após sua fundação, por meio da Lei nº 3.198, de 6 de julho, a instituição tornar-se-ia o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), que inicialmente utilizava a língua dos sinais, mas que em 1911 passou a adotar o oralismo puro que consiste em efetivar a comunicação por meio do entendimento dos movimentos normais dos lábios (lábios-leitura, leitura labial e leitura orofacial).

O século XX assistiu, até a década de 60, uma abordagem quase exclusivamente oralista entre as escolas de surdos e nesta década estudos demonstraram insuficiente eficácia destes métodos no desenvolvimento linguístico e cognitivo da pessoa surda. Nos anos 70, uma série de inovações aconteceu em benefício à surdez. Surgiram, por exemplo, as primeiras escolas normais e jardins de infância para crianças surdas. Após esse período começou um movimento pelo resgate da língua de sinais, de forma bimodal, que são dois modos de linguagens.

Vendo pontos pela história é possível ver grandes nomes de pessoas surdas que tem histórias de superação e que obtiveram seu espaço e mérito. Nos anos 80 e 90 teve início um movimento reivindicatório dentro da comunidade surda, advogando a primazia da língua de sinais na educação dos surdos, concomitante com o aprendizado da linguagem oral de forma diglossia que

significa que são duas línguas independentes, ensinadas ou praticadas em momentos distintos.

Atualmente, o INES é um centro de referência com atendimento diversificado para atender os surdos no Brasil.

3. MARCAS HISTÓRICAS

Com o decorrer da história, os surdos foram abrindo espaço e cada vez mais se destacando dentre os demais indivíduos e essas marcas devem ser lembradas pois se trata de feitos históricos e uma passagem a ser lembrada na história.

E há grandes nomes de indivíduos que marcaram a história de alguma maneira e que estão incluídas no grupo dos surdos, e essas informações são em domínio público e são de deveras estimulante e inspiradora para o crescimento da comunidade surda. Alguns destes indivíduos citados, temos:

- Alexandre Graham Bell – cientista defendia a oralização dos surdos;
- Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael criaram o alfabeto e os numerais em Libras;
- Roch-Ambroise Cucurren Sicard – instrutor de surdos, apoiou a criação de vários institutos de surdos na França;
- Ronice M. Quadros e Nelson Pimenta – elaboraram 61 configurações de mãos;
- Thomas Hopkins Gallaudet – educador ouvinte, responsável por abrir uma escola para surdos em 1817 nos Estados Unidos da América e criar a Língua Gestual Americana.

E caso queiramos nomes inspiradores que estão fora do ramo educacional, e dentro do ramo esportivo, que pode servir de base para jovens, podemos obter resultados da Academia de LIBRAS, que constam:

3.1. Tamika Catchings – BASQUETE

A atleta surda Tamika Catchings foi uma participante das olimpíadas regulares, isto é, com outros ouvintes e que foi muito vitoriosa. Dentre todas essas vitórias que ela tem em seu histórico, constam medalhas de ouro em Atenas, 2004; Pequim, 2008; Londres, 2012; e Rio de Janeiro 2016. Além disso, ela também é medalhista de ouro no Campeonato Mundial de Basquetebol feminino na China, 2002; e República Tcheca; 2010;

3.2. David Smith – VOLEIBOL

O atleta David Smith que compete pela seleção americana de voleibol e que durante seus jogos faz o uso de um aparelho auditivo, mas isso não o impediu de se destacar no esporte, tanto que foi medalha de bronze nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016; Campeão Mundial de Voleibol Masculino na Itália e Bulgária em 2018; e medalha de ouro na Copa do Mundo de Voleibol Masculino no Japão em 2015.

3.3. Amanda Cameron – CICLISMO

Já no caso de Amanda, pontuamos sua força de superação para progredir no esporte, pois a atleta enfrenta algo a mais que a surdez. Essa esportista já nasceu com deficiência auditiva grave em ambos ouvidos. Com o passar do tempo, ela foi diagnosticada com uma doença chamada Síndrome de Usher tipo 1. Além da surdez, Cameron também sofre de um comprometimento da visão e atualmente consegue enxergar apenas 20 graus e com baixíssima visão periférica.

Mesmo com duas limitações significativas, essa atleta faz parte da equipe paraolímpica de Ciclismo da Nova Zelândia e integra a categoria dos deficientes visuais que pedalam em duplas.

4. SURDOLIMPIADAS

Mas estes marcos conquistados por atletas não são apenas de particularidades que ocorreram no esporte, pois também há a Surdolimpíadas,

que como o nome já predita, é um evento esportivo exclusivo para pessoas surdas. Em comparação as Olimpíadas regulares e as paraolimpíadas ela não é tão divulgada na mídia, mas sua proporção é tão impactante e importante quanto as demais. Segundo a Clínica de Reabilitação Auditiva e Multidisciplinar a primeira edição das Surdolimpíadas ocorreu em 1924 em Paris, França e desde lá vem sendo 23 edições executadas.

A 24ª edição das Surdolimpíadas será sediada no Brasil entre os dias 1º e 15 de maio de 2022, na cidade de Caxias do Sul, RS. E está previsto mais de 4000 atletas em mais de 23 modalidades esportivas.

Organizada pelo Comitê Internacional de Desportos de Surdos – ICSD e com periodicidade de quatro anos, a Surdolimpíada surgiu na França com o nome de Jogos Internacionais Silenciosos em 1924. Desde 2000, adotou-se o nome Surdolimpíadas.

Ao todo, são disputadas 20 modalidades na competição. Além de provas que estão nos programas olímpico e paralímpico, também há esportes como caratê, Wrestling (estilo de luta parecido com o a luta olímpica), boliche e a corrida de orientação (esporte em que o atleta precisa cumprir um percurso em uma área natural tendo apenas mapas e bússolas como referência), que não estão nas Olimpíadas ou Paraolimpíadas.

Para participar nos Jogos, os atletas devem ter perdido 55 decibéis no seu "ouvido melhor". Aparelhos auditivos, implantes cocleares e qualquer objeto do tipo não tem seu uso permitido na competição, visando deixar todos os atletas no mesmo nível. Outros exemplos de variação acontecem com os juízes. Invés de soprar um apito, o juiz usa uma bandeira vermelha. Na natação e no atletismo um *flash* vermelho é usado no lugar da pistola.

5. SITUAÇÃO HISTÓRICA DOS SURDOS NO BRASIL

Hoje no Brasil, enfrentamos diversos problemas sociais e culturais, e dentre eles há o difícil acesso a pessoas que tenham particularidades diferentes do convencional. O tema que discorre deste trabalho é sobre a surdez e a deficiência auditiva com sua ligação para com a educação. Que para começar é

necessário aprender que existe uma diferença entre esses dois fatores, e é preciso conhecer um pouco mais a fundo para a obtenção da informação e para assim saber como lidar com tais situações.

Segundo o site Aparelhos Auditivos, um site especializado para surdos e deficientes auditivos, tendo pesquisas, dúvidas, clínicas e lojas, todo o especializado voltando a comunidade surda. Nele é possível encontrar a diferença entre surdos e deficientes auditivos.

Um dos grandes problemas enfrentados pelos deficientes no cotidiano é o obstáculo de que as outras pessoas não sabem lidar com a presença de pessoas surdas. Isso acontece principalmente porque a população não é ensinada a conviver com as deficiências em seu dia a dia, o que contribui para o desconforto e até a exclusão desse grupo.

Mesmo os pontos mais simples são confusos, como os conceitos e a forma ideal de chamar quem tem deficiência. No caso da perda auditiva, a maior dúvida é sobre a diferença entre surdo e deficiente auditivo. As diferenças entre os conceitos de deficiente auditivo e surdo podem ser consideradas a partir de perspectivas clínicas, sociais e culturais.

Do ponto de vista clínico, o deficiente auditivo e o surdo se distinguem de acordo com o grau da perda de audição. Isso reflete a capacidade de escutar que a pessoa ainda apresenta e a forma como o problema se desenvolveu. Assim, deficiente auditivo é aquele que tem algum grau de perda auditiva mesmo que, em algum momento, tal perda se torne total.

Na maioria dos casos, a pessoa já aprendeu a se comunicar por meio da língua oral e escutou os sons em algum momento. O surdo, por sua vez, tem total ausência de audição. Ele não escuta nada, sendo que o problema pode ter origem congênita ou não. Isso significa que, em grande parte dos casos, o indivíduo tem o problema desde o nascimento. Como consequência, ele aprendeu a se comunicar de acordo com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou outras formas de comunicação não verbais.

Alguns autores, porém, definem os surdos como aqueles que se identificam com a cultura surda, se comunicam pela língua de sinais e valorizam e desenvolvem atividades, arte, lazer ou educação voltados para a comunidade surda. Já os deficientes auditivos seriam os que apresentam perda auditiva, mas não se identificam com a cultura surda. Podemos perceber que o conceito vai

muito além de aspectos puramente orgânicos ou culturais. Além disso, sempre vale a pena buscar saber a forma como a própria pessoa com deficiência auditiva se reconhece.

E neste documento há uma breve explicação para uma dúvida muito recorrente, sobre as diferenças entre surdos e deficientes auditivos. Mas mesmo após o conhecimento de tal informação, é preciso saber mais sobre o tema. Por quê? Porque eles compõem uma porcentagem muito grande e significativa da sociedade atual, e mesmo com estes âmbitos, ainda são uma parcela que contribuem para a sociedade, seu avanço e seu convívio.

No decorrer do avanço em que se toma em busca do conhecimento da LIBRAS, surdez e afins é possível ver as dificuldades enfrentadas por quem depende de uma outra língua em uma sociedade de maioria ouvinte e sem conhecimento em outra língua, e que por grande maioria toma como segunda língua do Brasil o inglês ou o espanhol, quando de fato a LIBRAS é o que deveria predominar como segunda língua nacional.

6. ENTREVISTAS COM EDUCADORES SURDOS

Numa entrevista que foi possível ser analisada como ouvinte e que pode ser encontrada no YouTube com o título: “Professores surdos discursam sobre a educação dos surdos no Brasil” (2011), composta apenas por profissionais surdos da área da educação, os seguintes professores Me. Cláudio Mourão, Me. Flaviane Reis, Dr. Ana Regina, Me. Shirley Vilhalva, Dr. Patrícia Rezende, Dr. Gladis Perlin, Dr. Marianne Stumpf, Me. Gisele Rangel, Me. Fabiano Rosa e Dr. Karin Strobel. Nesta entrevista, totalmente em LIBRAS e com legendas em português, eles discutem e explicam a real situação da educação no Brasil na visão dos surdos.

No decorrer da entrevista é possível sinalizar diversos pontos importante que devem ser citados neste trabalho. Dentre eles há o conhecimento por parte dos professores, que é o primeiro tópico a ser citado, em que o deve haver o conhecimento da LIBRAS. Mas quando se vê essa afirmação pode haver o questionamento de que desde que foi sancionada, em 2005, estudantes que

estão se formando para que sejam professores, isto é, estejam cursando licenciatura, devem cursar a matéria de LIBRAS no decorrer do seu curso.

Mas na entrevista diz muito sobre isso, e sobre o conhecimento dos estudantes a professores. No qual dizem que o professor em si deve estar apto da LIBRAS tendo ou não um aluno que se encaixe nestas condições, pois faz parte como um formador de conhecimento e humanidade estar apto para a aplicação de sua especialidade, isto é, o professor de matemática deve estar ciente do seu conhecimento em matemática e do seu conhecimento em LIBRAS, porque a previsibilidade em que pode aparecer um aluno que necessita de comunicação pela língua de sinais. Pois se os professores ouvintes querem se aliar aos surdos, primeiramente é necessário haver o entendimento completo da língua em si.

Assim também é discorrido os métodos de inclusão, que não é apenas todo mundo saber LIBRAS que está solucionado. “Temos a inclusão social, acessibilidades, como o cinema com legendas, competições de esportes surdos junto com ouvintes, unidos e alegres!”, e essa é uma das falas do Me. Cláudio Mourão, no qual, ele aponta os diversos campos e as diversas mudanças que devem ter para a inclusão total de forma mais abrangente e democrática.

Também é discorrido por ele mesmo que o diagnóstico vindo por parte dos pais e de um profissional da saúde, no caso o pediatra, é de extrema importância para a detecção da surdez logo na infância, e isso pode já levar a um desenvolvimento adequado para que a criança tenha uma base mais sólida.

Também é falado bastante da questão da união de forças que se deve ter entre os alunos ouvintes e surdos, professores ouvintes e surdos. No qual o ensino bilingue deve ser incentivado, pois acarretará apenas em benefícios. Como há, diversos artigos bem construídos e aclamados no ramo da educação que foram feitos por surdos e para surdos, e que comprovam tudo que é dito na entrevista, dos pontos e das soluções para a socialização, inclusão e habitação dos surdos em nosso meio.

Num ponto é possível observar que a formação educacional se torna bem mais eficiente e de forma bem mais ágil quando o acompanhamento vem desde a base da sua formação educacional. Uma criança surda que vem de um berço

de pais ouvintes e que não tem o conhecimento da língua terá seu desenvolvimento educacional e humanístico afetados, uma vez que não haverá uma maneira simples da comunicação.

Por outro lado, quando se há o entendimento da deficiência da criança, suas habilidades e suas dificuldades, é possível trabalhar em cima disso de maneira muito mais simples e eficiente. Pois de maneira análoga, quando a criança é levada desde cedo a um profissional adequado, a aquisição da língua de sinais no seu cotidiano desde cedo é um feito que ajudará na construção de sua estrutura social e identidade, tanto na comunidade surda quanto no seu meio social/familiar.

Um outro ponto a ser ligado ao texto é o fator de políticas públicas, que interferem como fator central para uma gestão social e organizacional. Assim dizendo, uma boa gestão em que sabe tratar questões como educação, saúde, cultura, empregos, dentre outros departamentos.

No ponto tratado na entrevista, e o mais conceituado na mesma é a política linguística no Brasil. Mas o que é a política linguística? Ela consiste no modo empregado pelas instituições hoje em dia, isto é, temos professores com formação adequada para tais posições? E em quais áreas essas pessoas com formação necessárias precisam atuar? Somente na educação? E nas áreas urbanas?

Já tratando de um ponto mais específico dentro da política, há as políticas educacionais. Mas o que são políticas educacionais? Políticas educacionais dentro da linguística, com o intuito voltado aos surdos é um fator de suma importância pois deve almejar não apenas crianças surdas, e sim todo um aglomerado que necessita da língua como comunicação para assuntos afins.

6.1. ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANAHÊ

A professora Anahê Netto Leão Marques possui graduação em Licenciatura em Química pela Universidade Católica de Goiás (2008), mestrado em Educação para Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Atualmente é professora de ensino fundamental e médio - Secretária da Educação do Estado de Goiás em convênio com a Associação dos surdos de Goiânia. Tem experiência na área de Química, com ênfase em educação de surdos.

Conte um pouquinho de você, o que levou você a ser o que é hoje?

Então, a minha formação é licenciatura em química, na metade da minha graduação eu prestei o concurso público pra professor do Estado de Goiás e passei, como ainda estava cursando a graduação fui adiando a posse até eu me formar. Quando eu me formei já estava vencendo o concurso e a maioria dos aprovados já havia tomado posse, assim tinha pouquíssimas escolas disponíveis, a unidade na região que eu havia escolhido e que estava disponível era o Elysio Campos. Para você ter uma ideia do despreparo da própria secretaria na aérea da inclusão, na época, quando eu cheguei na Seduc me disseram que eu tinha que saber braile ao invés de Libras. Eu vim pra escola conhecer e fiquei extremamente tensa com medo, porque na minha formação acadêmica eu não tive contato com a LIBRAS. Não tinha ideia sobre inclusão, então eu cheguei aprender a LIBRAS, compreender sobre o sujeito e comunidade surda e com o contato direto com eles fui aperfeiçoando e especializando nas estratégias e metodologias voltadas para o sujeito surdo.

Qual a maior dificuldade que você encontra atualmente ao ensinar?

A maior dificuldade é a língua. É o seguinte, o surdo, a maioria, mas não vou arriscar em porcentagem, mas já li algo em torno de 90%, são filhos de pais ouvintes. Infelizmente, está se tornando histórico-cultural, os pais não

incentivarem a LIBRAS em casa. Somos uma escola referência, uma escola bilingue, a única do estado de Goiás reconhecida pela Secretária de Educação e nós temos alunos que chegam sem saber nada da língua, muitas vezes fazem uso de sinais domésticos para se comunicarem, então como que você vai trabalhar o processo da construção do conhecimento se você não tem o básico, que é a estrutura da língua? Como vai estruturar o conceito? Quantos alunos chegam até nós, acreditando que oralizam e na verdade não há essa comunicação verbal, muitas vezes os pais incentivam essa terapia ao invés de ensinar e aprender a Libras. Para mim hoje, essa é a questão principal, a construção linguística o quanto antes. Quando você recebe um aluno, em que os pais incentivaram a Libras desde cedo, o aluno já chega linguisticamente fluente na língua natural dele, eu posso trabalhar uma segunda língua. Posso fazer a construção conceitual em L1 que é a Libras para depois trabalharmos esse conceito na L2. Eu preciso fazer a transição para que haja o entendimento e compreensão, mas para isso eu preciso de um domínio, tanto do aluno quanto do professor da Libras.

Qual ponto deve ser melhorado ou mudado para que haja mais visibilidade para a escola de surdos?

Essa é uma escola pública conveniada com a associação de surdos, que arca com o material e com a estrutura. E o que que a Secretária faz? Arca com os profissionais, com os professores. E é uma escola que já tem, se não me engano, mais de 25 anos de existência e muita gente não conhece a nossa escola. Você encontra um surdo na rua e pergunta para ele porque ele não vem para o Elysio, os surdos conhecem a Associação, mas desconhecem a escola. Todas as nossas aulas são ministradas em língua de sinais. Mas e se o professor chega aqui e ele não é fluente? Daí encontramos uma barreira. Os licenciados formados há 15, 20 anos atrás chegam aqui na escola sem saber o básico na língua, já os licenciandos de hoje têm a LIBRAS como uma disciplina obrigatória que os mostra a importância e o básico da língua de sinais. Mas porque eu acho que não tem essa visibilidade? Eu não sei te responder. O surdo não gosta de ser tratado como deficiente, ele apenas tem uma língua diferente, ele tem uma língua visual, talvez vir para uma escola classificada como especial o faz pensar

na deficiência. A sociedade ainda achar que o surdo é nervoso porque ele grita, mas na verdade não está sendo compreendido. É você ter uma sociedade que não aceita que a LIBRAS é a segunda língua oficial do Brasil. Não existe a naturalização da LIBRAS. Então é uma questão histórico-cultural. Mas com os novos projetos de leis e a própria Secretaria de Educação reconhecendo a nossa escola como bilíngue vai aumentar a visibilidade. Porque digamos que chega um responsável e diz que quer matricular o filho surdo numa escola pública do Estado o certo seria indicar uma escola bilíngue, mas as vezes até quem está na secretaria não tem essa visão e o encaminha para a escola regular. Mas isso também pode ser uma escolha dos pais que não querem que o filho estude numa escola de surdos, querem colocá-lo numa escola regular, no meio dos ouvintes, acreditando que eles podem desenvolver mais a L2. É importante salientar que antes de tudo, a construção do sujeito surdo, é fundamental. Se reconhecer surdo, com uma língua diferente, mas que é capaz de aprender uma segunda língua e ser incluído de forma efetiva na sociedade.

A LIBRAS é muito confundida com o braile. O braile é o português sinalizado, a LIBRAS é outra língua. O que tem a falar disso?

É outra língua, com estrutura própria, uma língua visual. Mesmo assim não significa que toda palavra em português tem uma tradução em LIBRAS e toda palavra em LIBRAS tem um significado em português porque é outra língua. Tem as suas gírias, a sua variação que depende de diversos fatores, como por exemplo, as diferentes regiões do país. A LIBRAS é uma língua viva.

Você acha, enquanto professora de exatas, que é mais difícil ensinar exatas do que humanas para surdos?

Não, pelo contrário, acho exatas mais fácil, acho mais visual. Mesmo que no campo das exatas existem muitos fatores que são abstratos, ainda sim a compreensão e a visualização do aluno são melhores em relação às matérias de humanas. Na química, no que encontramos dificuldade? Também é numa questão da abstração, e o problema da compreensão não é a ausência de sinais, é a construção do conceito. Por exemplo no conceito do átomo, eles dizem

coisas como “Eu não estou entendendo porque não vejo o átomo”, “Professora, se líquido toma a forma do recipiente, e sal toma a forma do recipiente, então sal é líquido?”. Eles trazem esses questionamentos porque trazem um nível de abstração. Agora na matemática é interessante, eles têm uma dificuldade com contas básicas, em quantidades. Como por exemplo, se você pegar umas moedas e perguntar quanto tem lá em valor monetário, muitos não saberão responder, ou se perguntar quanto você pesa, muitos dirão algum número aleatório, é a questão da resignificação. E eu acho que isso não é questão dos surdos, são questões que precisam ser revistas, da educação matemática.

Eu entrevisto muitos pais de surdos e muitos ficam preocupados com o filho pensando “O que vai ser do meu filho quando eu morrer?” “Ele não consegue ir ao supermercado, não consegue mexer com uma conta bancária, ir ao médico”. Eu vejo que falta um currículo que considere o sujeito surdo e não somente no auditivo e oral, tinha que ser um currículo mais adaptado, esses alunos muitas vezes são poupados de experiências de vida que influenciam na significação da matemática por exemplo.

Todos os surdos devem oralizar?

Olha, a sociedade deseja que ele oralize, para que ele acesse os serviços básicos pois o conhecimento da língua de sinais é escasso. O que deveria acontecer é o ensino da Libras desde a educação infantil. Meu filho tem 4 anos e na escola já está aprendendo inglês. Em casa eu ensino a LIBRAS em vez do inglês porque essa é a segunda língua do Brasil, então a oralização é vista pra essa inclusão social e a LIBRAS para construção do sujeito, para a comunidade surda, se sentir incluído.

O surdo deve ter a sua primeira língua estabelecida, que no caso é a LIBRAS, para que assim ele possa passar para um próximo estágio que é o aprendizado do português, seja na modalidade escrita ou oralizada se ele tiver habilidade para isso, o português é necessário para inclui-lo na sociedade que é maioria ouvinte.

Você acha que a tecnologia muda muito no aprendizado do surdo? Pois hoje tem até aplicativos que podem te mostrar como faz cada sinal.

A tecnologia, ela é uma aliada. Temos o Hugo (nome do boneco do aplicativo que ensina palavras em LIBRAS) que nos auxilia, mas muitas vezes ele faz sinais fora de contexto ou incompletos. E a língua é regionalizada, e isso quer dizer que em diferentes lugares do país ela pode ser descrita com sinais diferentes, assim como os sotaques que se tem em cada região. Como existe a mandioca, o aipim e a macaxeira, e tudo isso significando a mesma coisa só dependendo da região.

Pode até ser parecido alguns sinais, mas outros não. Outros são completamente diferentes, pois a língua é regionalizada.

Então quando tem o bonequinho Hugo, que faz alguns sinais, é melhor do que nada. Pois quando eu estive aqui há 15 anos atrás nem imaginava que hoje teria um recurso desse que vamos supor: você está lá no banco, e dá para pelo menos ter um início de um diálogo, e na minha área é muito importante porque é visual. Simuladores são muito importantes nas aulas, modelos.

Achei um vídeo interessantíssimo na TV Cultura, sobre radiação. Quero esse vídeo, então vamos fazer a tradução dele. Reunimos e fizemos, e tudo isso envolve tecnologia, né. Vamos gravar uma aula, ensino híbrido, tecnologia. Imagina se não tivesse.

Está mais difícil fazer isso tudo pela internet?

Sim, muito difícil. Pois a LIBRAS, ela é visual. Totalmente visual. E não é só dos sinais, tem a expressão, expressão corporal, os gestos, tudo isso faz parte. É complicado fazer um sinal com o meu rosto tampado, faz um sinal, sem ver as expressões faciais. Estou falando que estou triste ou estou feliz, e meu rosto tampado não acompanha o contexto. Mas tem aquela máscara transparente, que auxilia muito. Mas a LIBRAS é visual e muitas vezes a internet trava no meio da aula, você perde um sinal, quer dizer que você perdeu todo o contexto.

Nota: Então de certo modo, é possível ver que até para professores que vivem neste meio se torna uma tarefa árdua, pois até mesmo eles não podem ter o controle sobre tudo e dependem muito de outros fatores externos, tais como a dificuldade de adultos que são surdos voltarem a frequentar a escola, uma vez

que eles já tem que superar a dificuldade de viver em um mundo que não falam sua língua, e mesmo assim tem que se sustentarem, trabalhando, e construindo laços sociais.

7. REFERENCIAL TEÓRICO BIBLIOGRÁFICO

Por que o conhecimento da LIBRAS em meio as pessoas ouvintes não é algo tão comum como o aprendizado de inglês?

Para que possamos visualizar este problema, é necessário estar situado do que é a educação, do que é a educação para surdos e como tudo isso se encaixa, além disso é necessário olhar quais os problemas que são enfrentados e que não deixam essa situação se resolver. Por isso é preciso analisar os dados e assim poder assim chegar numa conclusão de poder apontar os diversos problemas que enfrentamos hoje com surdos, isto é, acessibilidade, estrutura e conhecimento do mesmo para que haja uma abordagem correta.

Para podermos enxergar uma maneira de amenizar é preciso primeiramente aprofundar e procurar a origem e o que causa este problema na sociedade, mesmo com tecnologias e informações disponíveis para qualquer pessoa e a qualquer lugar, a desinformação presente é bem grande e em diversas áreas.

“A formação deste profissional exige que seja também licenciado, para atuação na rede estadual. Além de professor, deve possuir formação em Libras em cursos de no mínimo 120 horas. Em nossa pesquisa buscamos levar em consideração a formação, a atuação e as dificuldades encontradas por este profissional nas salas de aulas.”
Cassiano (2016, p.1)

A visibilidade e a inclusão da comunidade surda hoje são bem maiores, uma vez que tem leis e diretrizes que impõe uma forma de inclusão e visibilidade:

Pois na teoria, existe toda uma organização de leis e diretrizes que garantem um reconhecimento e uma garantia a liberdade e dignidade, na pauta que diz “Art. 1º Art. ...Entende-se como Língua Brasileira de Sinais LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (LEI Nº10. 436 DE 24 DE ABRIL DE 2002).

Observando que hoje, a matéria de LIBRAS é algo obrigatório na licenciatura nas faculdades brasileiras “...desde o dia 22 de dezembro de 2005 a Libras passou a ser disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores e nos cursos de Fonoaudiologia, segundo o Art. 3º do decreto nº 5.626” (MARQUES, 2018) trazendo assim um breve conhecimento inicial da língua de sinais, e trazendo também um despertar da importância do aprendizado desta língua.

No processo de inclusão e acompanhamento do aprendizado, tanto de pessoas surdas, quanto de pessoas ouvintes que tem o intuito da instrução de outros alunos surdos. Pois a formação, da criança surda que será incluída num grupo escolar, é um âmbito crucial de seu currículo de formação.

“Acabamos de ver como Piaget definiu grau de socialização, partindo do “grau zero” (recém-nascido) para o grau máximo representado pelo conceito de personalidade.” (TAILLE, OLIVEIRA, DANTAS, 1992, p.17). E nestes níveis de grau de socialização é que o autor se refere ao desenvolvimento motor e pensamento lógico. E associando ao tema referido, do mesmo modo em que se aplica aos recém-nascidos e crianças surdas. Por isso o primeiro estágio de um desenvolvimento da criança surda é feito com a identificação da deficiência e seu grau, as circunstâncias em que ela se encontra e as medidas a serem tomadas, como por exemplos: remédios, aparelhos auditivos, e mesmo o ensinamento da LIBRAS já no estágio inicial do desenvolvimento cognitivo.

Segundo o Dr. Luciano Moreira, otorrinolaringologista que atua no Rio de Janeiro, a identificação de deficiências auditivas são um dos pontos que podem ser apontados logo no teste do pezinho. E em seguida é feito o teste da orelhinha (ou otoemissões acústicas), que é um teste feito a partir de um pequeno microfone colocado no conduto auditivo externo para captar alguns sons muito baixos que vêm lá de dentro e recebem o nome de otoemissões acústicas.

Segundo o mesmo médico a parte de noticiar os pais da situação de seu filho nunca é um caminho fácil, pois ele tem que indicar uma direção aos pais de que caminho percorrer, pois é um choque à primeira vista, e o esperado é uma aceitação da real situação.

As fases de um desenvolvimento da criança surda devem ser acompanhadas. Nisso foram desenvolvidos diversos métodos e artigos do desenvolvimento de aprendizado de deficientes auditivos. Já no artigo Desenvolvimento Motor do Deficiente Auditivo da Prof. Dr. Luzimar Teixeira (2010) que propôs um artigo como Texto de Apoio ao Curso de Especialização – Atividade Física Adaptada e Saúde que envolve toda uma análise do cenário que se deve seguir para um auxílio e um objetivo a ser traçado no desenvolvimento educacional. A deficiência auditiva aparece, por vezes, associada a outras deficiências, como Síndrome de Down, por exemplo. O indivíduo, neste caso, pode apresentar problemas motores, o que leva alguns a pensarem que a surdez tem ligação direta com o desenvolvimento motor. Mas a perda auditiva, por si só, não apresenta nenhuma relação direta com o desenvolvimento motor do indivíduo portador de deficiência.

Nesta mesma instância é possível ver que o desenvolvimento da mesma ajuda a formar o seu ser e ajuda numa formação de uma personalidade e de uma autonomia. O poder que a comunicação pode levar a vida de uma pessoa é de um valor inestimável, uma vez que tudo isso pode abrir diversas portas de oportunidades, e assim trazendo uma vida de “normalidade”, assim dizendo, pois, não há nada de diferente em se habilitar a falar uma outra língua, apenas que é preciso de uma sociedade tolerante e preparada para tais situações.

“Vimos, finalmente, que as diversas etapas que definem qualidades diferenciadas do “ser social” acompanham as etapas do desenvolvimento cognitivo. Cabe perguntar agora que influência têm as interações sociais sobre esse desenvolvimento.” (TAILLE, OLIVEIRA, DANTAS, 1992, p. 55).

O desenvolvimento que vai além do educacional, vai também para o cultural, político e social é arquitetado a partir da interação do ser humano para com a sociedade, que em parte forma nossa personalidade e nos educa. “Se a cultura é dimensão do processo social, ela deverá ser entendida de modo a poder dar conta dessas particularidades.” (SANTOS, 1986, p. 53). E nisso é possível entender que o pensar da criança, em que o pensamento individual ajuda na formação do pensamento coletivo.

Isto é, mostrando que a cultura vivida por nós na contemporaneidade reflete de todo um costume imposto por nós sociedade, atribuindo assim uma cultura, um modo de viver e assim que dependendo do seu encaixe na sociedade, a educação fica sendo uma prioridade ou até um empecilho em sua vida.

O entender sobre o assunto é outro tópico importante a ser discutido, pois apenas usar uma base teórica para um assunto como esse, a educação para surdos, não é recomendado, uma vez que isso depende de diversos fatores e que essa ligação deve ser estudada e cada aplicação deve ser quase que individual, mas de uma maneira geral. Explicando a afirmação anterior é possível colocar da maneira em que conhecimentos gerais serão aplicados de forma individual, pois cada um desenvolve da sua maneira e no seu tempo.

“Ora, uma outra maneira de se compreender o que é, ou poderia ser, é procurar ver o que dizem sobre ela pessoas como legisladores, pedagogos, professores, estudantes e outros sujeitos de um tanto mais tradicionalmente difíceis de entender, como filósofos e cientistas sociais.” (BRANDÃO, 1981, p. 54)

A educação bilíngue é uma das pautas que sempre surgem quando se fala de educação inclusiva, pois o entendimento da língua de sinais é tão necessária quanto se acredita, pois se pensarmos que existe o relacionamento entre o intérprete e o aluno, também devia ser certo que haveria o relacionamento entre o aluno e outros, pois sabemos bem que a escola é um dos primeiros lugares fora do âmbito familiar em que a criança tem a experiência e seria ótimo a criança criar vínculos com os demais alunos para que saiba o que é o ambiente externo à sua casa e as formas de socialização.

Mas como isso aconteceria com um aluno que fala uma língua diferente dos demais? Muito se é discutido se a inserção da LIBRAS na base curricular dos alunos seria um bom aproveitamento ou isso traria uma carga horária menor à alguma outra matéria do currículo.

“A ideia de educação bilíngue não vem como método fechado, com um percurso ou material formativo definitivo. Mas ela é constituída com as práticas discursivas e as experiências dos profissionais que se envolvem com a educação de surdos. Tanto as práticas, as experiências, quanto os movimentos em favor dos surdos,

desenvolvem a ideia de educação bilíngue discursivamente. Então fica a pergunta: como temos construído a formação desses sujeitos ao longo do caminho que a educação bilíngue vem tomando?" (ALMEIDA, 2015, p. 50)

Para que haja um ensino de modo completo é preciso que saibamos antes das diferenças que nos rodeia, pois mesmo que vários fatores estejam ligados e que um se baseia na ideia do outro, ainda não é possível definir o que são elas em si, pois de certo modo, a fala de um indivíduo sobre o que define estes parâmetros pode se difundir no meio da afirmação e apontar questões e valores já discutidos antes e que não levam a lugar nenhum.

"Quando alguém tenta explicar o que são estes nomes e o que eles misturam: *educação, escola, ensino*, a fala que explica pode pender para um lado ou para o outro de uma velha discussão." (BRANDÃO, 1981, p. 61)

O ponto da educação de LIBRAS nas escolas é sempre uma pauta a ser considerada, mas seus valores são categorizados como inferiores à outras línguas, como o inglês ou o espanhol, que estão inseridas na base curricular dos alunos desde ensino fundamental ao médio. O ponto certo é que a LIBRAS em nenhum ponto se inferioriza às outras línguas que são lecionadas hoje, mas em si a grande maioria das pessoas, que são ouvintes não veem a inclusão como um ponto principal para uma sociedade igualitária. O ponto principal a se discutir é, que enquanto a sociedade não olhar essa situação com um senso mais crítico, que vai além do pensar no surdo como um deficiente e passar a olhar em um indivíduo na sociedade que está contribuindo com seu papel de desenvolvimento, e sua única peculiaridade é portar outra língua.

"A ideia de que não existe coisa alguma de social na educação; de que, como a arte, ela é "pura" e não deve ser corrompida por interesses e controles sociais, pode ocultar o interesse político de usar a educação como uma arma de controle, e dizer que ela não tem nada a ver com isso." (BRANDÃO, 1981, p. 73).

E essa ideia da educação em relação com a sociedade é que a mesma, enquanto instruída pela escola é preparar o indivíduo para a sociedade. A visão colocada em que a inserção da LIBRAS num meio social é que isso se torna algo

a mais do que a língua, se torna algo político e de certo modo, uma arma de controle em que pode tornar um meio de exclusão social.

E contando de certo modo, o controle que fica de forma implícita, uma vez que a exclusão se torna clara quando se há os cortes na educação, se há o desincentivo tanto na formação de professores quanto no desenvolvimento institucional-social, quando a presença da liberdade comunicativa é tanto quanto um pouco escassa. “Se a educação é determinada fora do poder de controle comunitário dos seus praticantes, educandos e educadores diretos, por que participar dela, da educação que existe no sistema escolar criado e controlado por um sistema político dominante?” (BRANDÃO, 1981, p. 98)

O processo de desenvolvimento cultural que está sendo aplacado é que a língua é a porta da comunicação dentre os indivíduos. E que sem ela, torna-se bem inviável que o processo de desenvolvimento cultural e social, e que isso afeta diretamente na inclusão dos surdos trazendo a desigualdade e o preconceito.

“O fato de “permitir” e/ou “não permitir” que as pessoas surdas usassem suas línguas espaciais-visuais provocaram profundas mudanças na vida das pessoas que integram tais comunidades. (QUADROS, 1997, p. 45)

E um bom ponto a pontuar é que numa sociedade de maioria ouvinte, a imposição da oralidade pode prejudicar o desenvolvimento principalmente da criança. O principal é, a oralidade não é e não deveria ser necessário para os surdos aprenderem. “O oralismo é considerado pelos estudiosos como uma imposição social de uma maioria linguística (os falantes das línguas orais) sobre uma minoria linguística sem expressão diante da comunidade ouvinte (os surdos).” (BRITO, SANCHEZ, QUADROS, 1995)

E por isso trazer a oralidade para a realidade dos surdos pode fechar portas para a educação, uma vez que isso pode até personificar a mente da criança surda. Mas o que se faz a se pensar em como pode personificar a mente de uma criança?

A ideia do oralismo vem de forma abrupta, uma vez que essa forma de comunicação vem da parte dos ouvintes, que por se julgarem maioria tendem a

pensar que é de direito deles pensarem que são prioridades, e isso fica evidente a mostra de que a sociedade gira em torno de uma igualdade e não de uma equidade, moldando a sociedade a se equipar a conviver e se habituar com este tipo de situação, no caso de uma sociedade surda. “A ideia de educação bilíngue não vem como método fechado, com um percurso ou material formativo definitivo. Mas ela é constituída com as práticas discursivas e as experiências dos profissionais que se envolvem com a educação de surdos” (ALMEIDA, 2015, p. 50)

“O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõe a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse processo e parte desse pressuposto para o ensino da linguagem escrita. (ALMEIDA, 2015, p. 31)

Essa citação consta que a necessidade do bilinguismo é algo que deveria ser presente na educação, principalmente na de crianças e adolescentes, mas certamente pensamos que o ensino já é bilíngue. Mas o que devemos pontuar é: a educação bilíngue que temos atualmente está sendo aplicada de forma errada, pois o ensino atual é colocado o inglês como segunda língua, e não é errado pensar em incluir na grade de crianças e adolescentes o inglês, mas a segunda língua brasileira deveria ser reconhecida popularmente e é a LIBRAS.

Mas o que consta valer aqui é a importância da língua e da comunicação, as portas que se podem ser abertas, mas isso ainda é um árduo na educação pois as condições que temos atualmente ainda não são favoráveis para a aplicação de uma reforma educacional. “Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda...então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito.” (QUADROS, 2008; SÁNCHEZ, 1992; BRITO, 1990; SKLIAR., 1995, p. 27).

“Comumente, a surdez é associada a uma condição patológica, deficiente, incapacitante, que deve ser “curada” por meio de próteses, terapias de fala, treinamentos auditivos e aprendizados de comportamentos ouvintes.” (Eiji, 2011, web).

Comentado [VV1]: Precisa colocar a página

A surdez não é em si uma deficiência, e sim apenas uma distinção que existe entre os indivíduos que vivem em ao nosso redor, e da mesma maneira que os surdos têm uma língua própria, que não devemos excluí-los, e muito menos subjugá-los. E a inserção dos surdos no meio artístico é um ponto essencial para a democratização da social.

A arte é um meio de educação que liga o aluno a um mundo, pois isso o faz ser parte da sociedade, isto é, ao se conectar com as artes, o aluno surdo passa a se comunicar com outros indivíduos de uma maneira diferente, em que ele consegue expor mais do que diz.

8. ARTES LIGADAS À SURDEZ

No que consta das artes ligadas as artes não é uma questão separatista, no qual estamos estudando artistas surdos apenas por serem surdos, e sim porque todos esses agentes têm uma história na qual torna-se inspiradora pois advém de grandes momentos e em geral de grande dificuldade por conta do pouco apoio que existe em relação à sua diferença.

O ponto principal é mostrar que o indivíduo surdo nos traz todo e qualquer desenvolvimento, sendo cultural, educacional ou mesmo tecnológico. E assim mostrando que uma igualdade na sociedade é mais um avanço na democracia.

8.1. NANCY ROURKER

Nancy Rourke começou a desenhar e a pintar aos seis anos de idade, sem que seus pais soubessem que era surda. Cresceu na cidade de San Diego, na Califórnia (EUA), onde frequentou um programa de oralização em escola auditiva. Durante toda a infância criou novas peças — desde pintura em pedras até em telas — e as exibiu em feiras de arte, concursos e galerias. Estudou design gráfico e pintura no Instituto Técnico Nacional de Surdos e no Instituto de

Tecnologia de Rochester, respectivamente, em Nova York, obtendo mestrado em design com computação gráfica e em pintura.

Nancy Rourke pinta como as pessoas surdas são controladas por ambientes predominantemente ouvintes e procura retratar o sofrimento e a submissão das pessoas surdas. A partir da frase de Aristóteles (384-322 a.C.): “Surdos nascem sem sentido e incapazes de raciocinar”, ela sentiu que era importante o público ver quem são os surdos e o que são seres humanos. A discriminação era demais para ela, e é sobre isso que ela está pintando hoje. A artista se diz influenciada pelos movimentos fauvista, neo expressionista e De Stijl, porque esses movimentos artísticos usavam cores primárias; já os tons monocromáticos são usados em áreas de cores saturadas. Suas pinceladas vívidas fazem com que, segundo ela, as pinturas fiquem muito mais poderosas. Ela ama a “pintura direta”, feita em uma única aplicação; isso significa usar uma técnica de pintura opaca, pintando do claro para o escuro. São vários os tipos de pinceladas, de grossas a finas e de curtas a longas, com muitos “esfregaços” em várias direções. Ela também faz “escorregões” com um pincel seco, em que suaviza a cor de uma área pintada sobrepondo partes com cores opacas aplicadas levemente com um pincel quase seco.



Figura 01: (Nancy Rourke, Arte Surda, 2021)

Como esta pintura que podemos ver um rosto que está incorporado por gestos manuais, assim indicando a língua que é usada pela comunidade surda, uma língua visual, em que se incorporam gestões manuais, corporais e faciais, assim indicando o contexto das palavras e frases.



Figura 02: (Nancy Rourke, One Hand Alphabet 10 inch by 10 inch 2021)

Nesta figura podemos ver o início do aprendizado da LIBRAS ou da língua de sinais do país em questão, o alfabeto. A base de toda língua ou idioma, que compõe as palavras, frases, siglas etc.



Figura 03: (Nancy Rourke, Monalisa, 2011)

Neste é possível ver uma referência ao quadro de Leonardo da Vinci em que coloca a emblemática mulher pintada por ele mostrando os sinais indicando ser uma pessoa surda, no qual ela aponta para a orelha e para a boca.

8.2. ROBERT F. WALKER

Como para outros tantos artistas surdos, a arte fez-se o primeiro modo de comunicação para Rob F. Walker, artista surdo nascido ao fim da década de 1950 no Arkansas (EUA). Mesmo depois da aquisição da American Sign Language (ASL) e do aprendizado da língua inglesa, a linguagem artística continuou a permear o cotidiano do pintor, que – entre inúmeros cursos e oficinas – licenciou-se pela University of Arkansas e pela Gallaudet University (onde concluiu o curso de design gráfico).

Suas obras, em grande parte produzidas em aquarela e tinta à óleo, retratam paisagens, pessoas, natureza morta e, mais recentemente, o mundo surdo: “alguns anos atrás, fui apresentado a um novo conceito na arte – um que eu jamais imaginei existir e que remete diretamente à minha surdez. Desde então, tenho caminhado pela arte De’VIA (ou Arte Surda), que se baseia na

experiência e na cultura surda, bem como na língua de sinais". (retirado do site oficial do artista).



Figura 04: (Rob F. Walker, Birth Right 1, 2011)

Nesta pintura caracteriza-se por uma conversa informal que parece estar instaurada em um bar ou coisa assim, e mostra conhecidos se comunicando através da língua de sinais.



Figura 05: (Rob F. Walker, Birth Right 2, 2011)

Nesta figura apresenta-se crianças que estão aprendendo a língua de sinais, e nisso tendem a ter mais experiência pelo método da cópia, em que ela vai repetindo os gestos que veem, e associando a tais ações.

9. CONSIDERAÇÕES

Então de modo mais eloquente, é necessário que haja uma análise da real situação em que os surdos se encontram no Brasil, tanto nas áreas educacionais, quanto nas outras áreas, como lazer, esporte, formação social, política. E com a contextualização que é feita, é possível ver que não é algo impossível e nem improvável de acontecer, uma vez que diversos nomes puderam marcar seu nome na história uma vez que essas pessoas tiveram o espaço para se comunicarem.

No Brasil, o ensino de inglês e espanhol são matérias obrigatórias na formação acadêmica de qualquer aluno, seja ele de uma instituição particular ou pública, e o intuito deste documento não é mostrar que é errado o ensino de ambas as línguas, e sim tentar entender o real motivo para que o estudo das LIBRAS não é incentivado nas escolas, pois é a verdadeira segunda língua do Brasil.

A diversidade linguística sempre foi uma característica principal do aprendizado do português, uma vez que temos sotaques e dialetos diversos que compõe nossa língua oralizada, e que este mesmo costume é passado de geração em geração. Mas o ponto é: Por que a LIBRAS é uma língua considerada menos essencial do que as demais? Sendo que ela é bem mais evidente no nosso cotidiano do que o inglês ou espanhol.

A construção de uma política melhorada e mais abrangente deve ser pontuada por aqueles que detém o poder, pois vindo deles é que surge a responsabilidade de tomar decisões, isto é, aqueles que compõe o corpo que lida com questões educacionais e sociais para que assim possa haver um real desenvolvimento e que a democratização dos espaços sociais não seja mais questão de estorvo ou empecilho nos grupos sociais.

10. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Wolney Gomes. **Educação de Surdos: formação estratégica e prática docente**, 2015.

BRANDÃO, Calor Rodrigues. **O que é educação?** Abril Cultura, 1984.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, **Lei nº 5296/2004** de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta a Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Governo do Brasil. Acesso em: 26 de novembro de 2021. URL: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=5296&ano=2004&ato=e93UTVq5keRpWT529>

BRASIL, **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Acesso em: 01 de dezembro de 2021. URL: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

CASSIANO, Paulo Victor, **O papel do interlocutor de LIBRAS nas escolas públicas do Estado de São Paulo**, Revista Virtual de Cultura Surda, Edição Nº 19 / setembro de 2016.

GUILHERME, **Ensino Digital por Unintese**. Você conhece a Surdolímpiadas? E saiba que em 2022 o evento acontece no Brasil? Acesso em: 26 de novembro de 2021 URL: <https://ensino.digital/blog/surdolimpiadas>

HIJE, Hugo. **Deficiente auditivo, surdo, Surdo?** Cultura Surda. Acesso em: 20 de novembro de 2021. URL: <https://culturasurda.net/breve-introducao/>

LEÃO, ISAÍAS. **A história dos surdos**. Acesso em: 22 de novembro de 2021. URL: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/a-historia-dos-surdos/12144>

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PIMENTA, Nelson, Professores surdos discursam sobre a educação dos surdos no Brasil. YouTube, 12 de abril de 2011. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=aXzzQOviUa4&t=269s> >

QUADROS, R. M. de. **O bi do bilingüismo na educação de surdos** In: Surdez e bilingüismo. 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2005.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** Editora Brasiliense, 1986.

TAILLE, Yves de la. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão.** 5º edição. Summus Editorial, 1992.

TEIXEIRA, Luzimar, Desenvolvimento motor do deficiente auditivo, 2010.